

Lorenzoni: homem, migrante, letrado

MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI*

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as memórias do migrante italiano Julio Lorenzoni sobre o processo migratório ocorrido em finais do século XIX e, especialmente, suas considerações sobre a travessia e o encontro com o Novo Mundo.

Abstract: This article aims to analyze the narrative of Julio Lorenzoni about the Italian migratory process in the last decades of the 19th century, and specially his considerations about the crossing and the meeting with the New World.

Palavras-chave: Lorenzoni. Migração. Travessia.

Key words: Lorenzoni. Migration. Crossing.

Em termos antropológicos, os escritos de Julio Lorenzoni possuem um valor inestimável, uma vez que apresentam, para os estudiosos dos processos migratórios, muitos dos aspectos subjetivos da experiência migratória: por que migravam e quais as condições de vida daqueles homens, mulheres e crianças? Que anseios traziam consigo? Como era a Itália da qual partiam? Como se processava no interior das famílias a decisão pela migração? Quais os sentimentos advindos do encontro com a terra estrangeira? A partir de que momento sentiam-se migrantes? Enfim, elementos extremamente importantes para a compreensão dos indivíduos que fizeram a opção pela migração em contraste a tantos outros que, nas mesmas condições econômicas, políticas e sociais, não a fizeram. O que os impulsionava a efetuar uma mudança tão radical em suas vidas? Penso que análises que conjuguem elementos da totalidade de vida desses indivíduos possam favorecer a compreensão daquele processo migratório, que, com certeza ainda possui muitos elementos a serem pesquisados. Neste ponto, penso como Sayad (1998), para quem os processos migratórios devem ser compreendidos como fatos sociais totais. Ou seja, processos que envolvem a vida dos indivíduos em sua totalidade. Além disso, há que se considerar que, em termos

* A autora é antropóloga e professora adjunta do Departamento de Sociologia e Política da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
E.mail: cmzanini@terra.com.br

históricos, a escrita de autobiografias está diretamente relacionada ao triunfo do individualismo ocidental (Calligaris, 1998, p. 47). Nas memórias de Lorenzoni expõe-se um indivíduo à busca de si mesmo através dos acontecimentos históricos pelos quais passa. Ele, ao escrever sobre suas experiências enquanto migrante e colonizador, reproduz-se no discurso também. Em suma, há uma tentativa de situar-se perante acontecimentos que independem de seu arbítrio. Além disso, como ressalta Rojas (2000, p. 16), indivíduo e individualidade são resultados históricos. A forma narrativa de Lorenzoni revela a dialética entre indivíduo e sociedade, entre contexto e subjetividade. É a busca individual para compreender e mapear um processo coletivo e, neste aspecto, reside muito de sua riqueza.

Considero os escritos de Lorenzoni, desculpado o processo tradutório,¹ *a posteriori*, pelo qual passou, como um documento histórico. Mas, além disso, trata-se de uma narrativa literária, que permite ao leitor descendente (e não só) encontrar-se nela e, ao antropólogo compreender um pouco da mentalidade, dos hábitos e costumes que trouxeram consigo aqueles migrantes vindos de tão diferentes lugares, falantes de tão diferentes dialetos e aos quais o processo migratório ocorrido em finais do século XIX tornara semelhantes. Quando iniciei meu contato com a literatura local² sobre a imigração e o processo colonizador, duas obras chamaram-me a atenção pela qualidade das narrativas: as memórias de Julio Lorenzoni (1975) e de Andrea Pozzobon (1987), ambas editadas por seus descendentes. A obra de Lorenzoni foi publicada em 1975, quando dos festejos do Centenário da Imigração Italiana no Estado do Rio Grande do Sul e a de Andrea Pozzobon somente no final da década de oitenta do século passado. Ambos escritos personalizados, de homens em faixas etárias diferenciadas, com diferentes papéis no interior de suas famílias, mas que possibilitam ao antropólogo uma inserção nos modos de vida daquelas pessoas, situadas em determinada posição de classe social, portadoras de determinado capital cultural e representantes, ao mesmo tempo, de sentimentos vividos coletivamente. Penso que esses escritos merecem uma maior atenção e a riqueza do que narram deve ser analisada de uma forma interdisciplinar. No presente artigo analisarei as narrativas de Lorenzoni sobre a partida, a travessia e os primeiros contatos com a terra brasileira.³

¹ A tradução teria sido elaborada pela filha Arminda Lorenzoni Parreira (Marcon, 1975, p. 9).

² A autora realiza pesquisas junto a descendentes de italianos na região de Santa Maria e localidades da IV Colônia de Imigração Italiana desde 1997.

³ Em artigo posterior analisarei o processo de enraizamento em terras brasileiras por ele narrado.

O itinerário migrantista

Julio Lorenzoni era um rapaz de quatorze anos quando sua família tomou a decisão de migrar para a América.⁴ O processo de convencimento efetuado a seus pais e à comunidade local é relatado com detalhes em sua obra, permitindo que se vislumbre como era efetuada a atração de italianos para a América. Há que se considerar que a Itália havia sido recém-unificada e que em seu interior se encontravam muitas forças sociais contraditórias e complexas. O capitalismo como modo de produção estava se expandindo, provocando mudanças no modo de vida dos camponeses, a Igreja estava com seu poder enfraquecido, havia uma crescente secularização na Europa como um todo e não existia uma identidade nacional de italiano ainda formada. Muito pelo contrário, havia diferentes regiões com diferentes habitantes faladores de distintos dialetos e portadores de culturas particulares. Este era, em parte, um pouco do retrato da Itália dos finais do século XIX. Aliado a esse quadro, ocorria um crescente empobrecimento das populações rurais e o mau resultado de algumas colheitas trazia desolações freqüentes a estas populações.

Em 1877, Lorenzoni, um jovem do sexo masculino, morava com sua família num lugar pertencente ao distrito de Maróstica, bem ao norte da província de Vicenza. Seu pai era marceneiro e possuíam uma pequena propriedade de dois hectares de terreno cultivado e uma “modesta casa” (1975, p. 13), onde habitavam. Em seu retrato dos membros da comunidade, há a classificação deles como uma maioria composta de camponeses pobres, a quem tudo faltava, sendo que “nem uma vaca possuíam”, pois não conseguiam efetuar uma poupança. Esse quadro, aliado aos baixos salários pagos pelos patrões, fazia com que no final do ano, muito poucos não tivessem dívidas a pagar. Este endividamento, de acordo com Lorenzoni, era válido tanto para os camponeses que nada possuíam quanto para aqueles que já tinham alguma posse, temerosos de que, com o passar dos anos, ficassem igualmente na miséria. Uma das esperanças que esses indivíduos possuíam era a de os homens procurarem trabalho noutros países, tais como Suíça, Áustria e Alemanha. O próprio pai de Lorenzoni havia efetuado este itinerário. Contudo, muitos voltavam desanimados para casa, “sem nada conseguir”, o que tornaria a “vida dessa pobre gente cada vez mais triste” (ibid., p. 14). Sem muitas opções, aqueles “chefes

⁴ Segundo Marcon, ele teria freqüentado, na Itália, a escola primária e os primeiros quatro anos ginasiais (1975, p. 10).

de família” optavam pela migração, vendendo todos os seus bens, a fim de custear a passagem da Itália ao Brasil, que, naquele período, ficava entre 100 a 150 libras por pessoa. Esse valor compreenderia a viagem de Gênova até o Rio de Janeiro. Há que se observar que as pequenas migrações já eram algo comum entre estas populações. Embora fossem migrações individuais (e não familiares), temporárias e sazonais, já revelam uma predisposição destas comunidades para o processo migratório como estratégia de sobrevivência.

A narrativa feita por Lorenzoni acerca do convencimento dos habitantes do lugarejo para efetuarem a migração é extremamente reveladora da influência de determinados agentes no êxito da empreitada migrante. Segundo ele, nos primeiros meses de 1877, espalhou-se pelo lugarejo que famílias do distrito de Bassano, de províncias de Udine e Treviso estariam se desfazendo de seus bens e migrando para o Brasil. Pouco depois, ficaram sabendo que um padre, Angelo Cavalli, seria agente de Clodomiro di Bernardis e que estava com a responsabilidade de efetuar a propaganda sobre a América para os habitantes daquelas localidades. Alguns chefes de famílias locais dirigiram-se então para Campese, a fim de visitar o padre Cavalli. Segundo Lorenzoni, teriam retornado de lá entusiasmados e portadores de notícias extraordinárias a respeito das terras de além-mar. Dias depois, o padre Cavalli viria até a localidade e hospedar-se-ia na casa de um dos principais moradores de lugar. Organizou uma reunião, na qual agregou uma média de cinquenta pessoas. Começa então a propaganda migrante:

Deixo aos leitores imaginar como arregalavam os olhos essas pobres criaturas, pensando nas maravilhas que lhes seria dado ter, a eles, que nunca haviam possuído a mais insignificante horta para cultivar, que fosse de sua exclusiva propriedade (ibid., p. 16).

Depois dessa reunião, a comunidade ficara em estado de exaltação, sendo que as reuniões se repetiam, mês a mês. O padre, tornara-se, então, o “ídolo da população” (ibid., p. 16) e o Brasil apresentado àquelas populações seria uma segunda Canaã. Neste novo paraíso a propaganda era de que a terra era fértil e que produziria “sem muito trabalho” (ibid., p. 16), a vegetação exuberante e que após o primeiro ano uma família poderia ficar tranqüila quanto ao seu bem-estar e prosperidade. Segundo Lorenzoni, esses relatos deixaram aquelas famílias “fanatizadas”, a tal ponto que se puseram a vender o que possuíam. Ninguém mais queria lavrar a terra, o que fariam no Novo Mundo e sonhavam com ri-

quezas, felicidades e bem-estar (ibid., p. 17). Esse quadro representa a construção imaginária efetuada sobre a América, o Novo Mundo. Pouco sabiam se seria o Brasil, a Argentina, os Estados Unidos ou outro país qualquer. As construções paradisíacas efetuadas sobre essa nova terra onde a riqueza seria fácil, sem padrões, e onde poderiam aqueles camponeses e artesãos pobres tornar-se senhores, proprietários. Era, em termos de persuasão, tudo o que necessitavam ouvir. E, essas palavras, advindas da boca de religiosos, tornavam-se mais convincentes ainda. Há que se observar também que setores da Igreja acreditavam poder realizar em novas terras, sob novas formas organizacionais e econômicas, uma salvação da família tradicional, visto que a Itália da forma como estava, representava uma ameaça aos valores culturais e às tradições cristãs da família italiana tradicional (Costa, 1979, p. 5). Nesse aspecto, concordo com aqueles autores que consideram a emigração daquelas populações para a América como uma forma de resistência. Enfim, migrar seria uma forma de combater a proletarianização e um desmoraamento das formas de organização tradicionais.⁵ Além disso, segundo Cecchi, à emigração como uma instituição está ligada toda uma glorificação que se efetua sobre o migrante, a uma "sanção fortemente positiva" (1959, p. 78) da comunidade efetuada sobre sua decisão pela imigração. Enfim, ele seria um bravo e dele se esperaria que fosse um vencedor.

Partiram de sua localidade em 22 de novembro de 1877. Em seus escritos, Lorenzoni narra a despedida das famílias que haviam partido no dia 15 de novembro de 1877. Segundo ele, no amanhecer daquele dia a praça já estava cheia de gente. Partiriam vinte e duas famílias, contando mais de cem pessoas. As despedidas eram muitas e ao tocar do sino, assistiram à última missa. Muitos choravam. Às oito horas, a missa já havia terminado e a bênção e então as famílias se dirigiam rumo à travessia. Na despedida, entoaram uma belíssima canção.⁶

A viagem da família deu-se da localidade até Gênova, onde esperariam pelos vapores. A estada dos Lorenzoni em Gênova é um relato rico em detalhes sobre como essas famílias se organizavam a fim de realizar a passagem transoceânica. De alojamento em alojamento, até conseguir acomodar-se. Mostra, também, como havia toda uma rede de serviços que lucrava com a migração:

⁵ Entre estes autores, destaco Grosseli (1987) e Alvim (1986).

⁶ As canções são, em vários momentos das narrativas de Lorenzoni, mencionadas com muita emoção e, de certa forma, revelam o quanto podem ter contribuído psicologicamente para a passagem daqueles momentos de ruptura identitária.

os agentes, os donos de estabelecimentos e todos aqueles que vendiam bens e serviços a essas pessoas que, por vezes, permaneciam semanas a esperar pela viagem. Quando a família Lorenzoni chegou, foi avisada de que não partiria em breve, sendo que existiam cerca de vinte mil pessoas esperando o embarque (Lorenzoni, 1975, p. 20). Ali ficaram então, no *dolce far niente* (ibid., p. 22) segundo Lorenzoni. Poucos haviam procurado uma ocupação, estavam em festa, reservando-se para trabalhar quando chegassem ao Novo Mundo. Para ali permanecerem recebiam um subsídio, que era repassado todos os sábados. Partiram somente no dia 11 de fevereiro de 1878. Esse estado de expectativa e de “descanso” era algo que tornava a empreitada mais valiosa ainda. Tinham de esperar, eram muitos a desejar uma nova condição de vida e estavam ali, frente a frente, enfrentando as dificuldades e os desgostos conjuntamente.

A travessia

Compreendo a travessia como um processo que se inicia já na preparação dessas populações para a ruptura de uma condição de vida para outra. Nesse trânsito, serão repensados e refeitos muitos vínculos afetivos e identitários. Quando ali, na espera dos vapores, são seres migrantes. O migrante é aquele que deixa a sua terra, a sua localidade de origem, aquela que posteriormente permanecerá latente em suas recordações como um elo que se rompe, mas que o pertencimento quer, a todo o momento, manter vivo. Naquele momento, estavam lidando com os sentimentos advindos desta condição. No dia 11 de fevereiro de 1878, a família Lorenzoni embarca:

Nada mais desejavam senão que chegasse, quanto antes, o bendito dia 11, aprontando, desde já seus pacotes, roupas de cama, cobertores, colchões, travesseiros, lençóis e outras roupas... (ibid., p. 23).

O pai de Lorenzoni, neste “suspirado dia”, estava desde o amanhecer envolto nos preparativos: adquiriu garrafas de Fernet e outras bebidas alcoólicas, limões e demais frutas. À tarde, foram transportados a bordo do *Colombo*. Para Lorenzoni, este vapor era bom. Após apresentarem o passaporte ao comissário de bordo, ocuparam um lugarzinho e estenderam, sobre “duras tábuas”, seus colchões, cobertores e organizaram suas camas. A paisagem humana que Lorenzoni retrata deste momento de partida é extremamente reveladora da condição existencial daqueles migrantes.

Por entre os muitos afazeres, havia os que se ocupavam da organização, mas “diversos” mantinham-se acorados ou debruçados sobre o parapeito, “imóveis e taciturnos”, a meditar sobre a incerteza de seu futuro:

Em qualquer canto do vapor só se escutava um vozerio incompreensível de dialetos, a maior parte vênetos e lombardos, muitos dos quais eu não entendia absolutamente, de modo que me deixava admirado ouvir tantos vocábulos novos, procurando adivinhar-lhes o significado (ibid., p. 24).

A condição de migrante italiano (genérico) não existia. Eram homens advindos de diferentes localidades, pertencentes a diferentes tradições, falantes de diferentes dialetos e que se encontravam naquela experiência comum: a migração. A noção do migrante italiano genérico, com certeza, foi estabelecida *a posteriori*, já no encontro com as situações de ruptura. Ali eram solidários da mesma condição histórica, não das mesmas matrizes culturais. Eram, de certa forma, estranhos compartilhando da mesma empreitada. Qual era o sentimento que se revelava na face dos migrantes? Segundo Lorenzoni, a tristeza apoderava-se de todos ao distanciarem-se do “estupendo panorama” de Gênova:

Irreprimíveis lágrimas escorriam pelas suas faces e seus olhos embaçados mal podiam fixar-se pela última vez naquele conjunto de palácios, torres, igrejas e lindas moradias, que formava a terra natal do descobridor do Novo Mundo (ibid., p. 25).

Lorenzoni, naquele momento de partida, escreve um poema no qual narra seu sentimento perante o processo de ruptura, simbolizado na viagem transoceânica que inicia.⁷ A emoção era muita, as palavras eram poucas. Começa-se uma ida rumo ao desconhecido. As famílias, num ritmo próprio, tomam conta do espaço a elas destinado. Iam recebendo também, utensílios para alimentação e bebida, tais como bandejas, pratos, copos e talheres. Para cada família era servido um tanto de comida, conforme sua composição. Lorenzoni as denominou de “rações”, que seriam fartas. Naquele espaço encontravam-se mais de mil e quinhentas pessoas. O barulho reinante após o jantar era, segundo ele, revelador dos estados de ânimo daquelas pessoas: uns choravam, outros gritavam, alguns blasfemavam e grande parte rezava, pedindo a Deus sua proteção (ibid., p. 26) e assim ele dedica outro verso a sua terra:

⁷ “Oh! Care sponde, o margine. Del fiumicel natio. E tu solinga camera. Mio fido ostello, addio!” (ibid., p. 25).

Addio! Pel vasto oceano
Forza del ciel mi tragge
Debbo cambiar si placide
In paurose spiagge (ibid., p. 26).

A viagem transoceânica transcorre. As informações fornecidas por Lorenzoni sobre as refeições permitem aos estudiosos dos processos migratórios ter uma noção do cotidiano dessas pessoas em alto-mar e de que forma eram tratadas. Segundo o autor, às oito da manhã vinha distribuído café com biscoitos, em abundância, ressalta. Esta seria a alimentação matinal, exceto às quintas-feiras, quando distribuíam também um decilitro de rum e cinco enchovas para cada um. O almoço e o jantar seriam compostos por sopa de massa ou arroz com legumes, um prato de carne de vaca ou ovelha, língua, batatas, bacalhau, ovos, entre outros alimentos. No almoço do domingo, aumentavam a quantidade de vinho e como complemento acrescentavam um “bom prato” de frutas secas para cada família (ibid., p. 28).

A descrição da travessia transoceânica apresenta também ao leitor um panorama do que viria a ser o encontro com a gentes e as terras diferentes. Segundo Lorenzoni, não seria possível descrever tal admiração ao chegar àquelas terras tropicais (ibid., p. 29). Ao observar os negros em Cabo Verde, o autor ressalta que, para eles, italianos, “tudo isto era estranho, pois nunca tivéramos oportunidade de ver tantos espécimes desta raça juntos” (ibid., p. 29). Após doze “longos” dias avistando somente o mar, começam a vislumbrar o Novo Mundo e suas peculiaridades. Uma delas foi o calor, que provocava muita sede. A água que ficava armazenada em um caixote de ferro, segundo o autor, tornava-se insalubre para todas aquelas pessoas que a bebiam sugando por um caninho. Para fugir a esta insalubre condição, ele criara uma artimanha: por vezes, a fim de poder tomar uma água fresca e limpa, fazia-se passar por doente. As condições de higiene pessoal também eram precárias, com roupas sujas e sem banhos, o que causava desconfortos.

O encontro com o Novo Mundo e suas gentes

A visão da terra americana teria provocado naqueles indivíduos “um raio de alegria e felicidade” (ibid., p. 31). Ancoraram em Santa Cruz, fortaleza próxima a Florianópolis. Compreendo na primeira leitura que Lorenzoni faz do local, comparando a pequena fortaleza a um velho castelo medieval em ruínas, uma tentativa de traduzir este novo mundo com algo do universo do qual par-

tiam. Enfim, naquele contexto de estranhamento, anseios e expectativas, o migrante busca manter um certo equilíbrio emocional e simbólico. Após a visita das autoridades locais, começou o desembarque. A natureza começa a ser descrita de forma exuberante. A água seria farta, o ar teria um perfume balsâmico. Enfim, construções efetuadas pelo tom esperançoso no qual estavam. Era março de 1878 e ali ficaram:

Nosso alimento, nesse primeiro dia, foi só café e, à noite, ficamos estirados na terra batida, debaixo daquele pórtico, numa promiscuidade insólita, sem direção, sem uma ajuda e, o que era mais triste, sem uma pessoa que falasse o idioma do país para transmitir nossas reclamações e nossos desejos (ibid., p. 33).

O encontro com as paisagens, gentes, aromas e sabores da nova terra provoca sentimentos de abandono. No segundo dia, também, esperanças e “só o café é que nos mitigava um pouco a fome que já começava a nos torturar” (ibid., p. 33). Ao anoitecer, chegaram algumas barricas de charque, com “um mau cheiro insuportável” (ibid., p. 33), que todos comeram avidamente. Naquela condição, rezavam e cantavam. Os cantos, segundo Lorenzoni, mereciam elogios. Ficaram ali mais cinco dias. Depois rumaram para Itajaí. Permaneceram neste lugar por mais duas semanas, tomando contato com o novo clima e com as doenças dos trópicos. Em especial, a febre amarela que rondava as vizinhanças locais. O encontro com a população do local causou-lhes tristeza:

A população daquele centro, muito pequena, tinha um aspecto doentio, com tez amarelada, o que causou em nós um sentimento de tristeza; tudo era silêncio e desolação e, na Igreja, somente umas dez pessoas estavam assistindo à Santa Missa (ibid., p. 35).

A família de Lorenzoni iria para o estado do Paraná inicialmente, mas para surpresa deles, foram encaminhados para Rio Grande no estado do Rio Grande do Sul. O encontro com essa cidade também foi de tristeza, considerando o lugar “arenoso e sem vida” (ibid., p. 36). Ali encontraram-se com negros, portugueses e brasileiros e passaram a primeira noite ao relento, junto de seus pertences. Receberam escassa porção de alimento e, para beber, “água podre” (ibid., p. 37). Segundo ele, “afortunadamente” alguém havia descoberto a cachaça, e assim conseguiram criar ânimo para enfrentar o futuro (ibid., p. 37). Foram então posteriormente encaminhados a Porto Alegre. A descrição que Lorenzoni faz da Porto Alegre do período é reveladora: teria em torno de cinqüenta ou sessenta mil habitantes, ruas estreitas, bondinhos

puxados a burro, edifícios de “estilo primitivo”, pouca movimentação, raras praças, nenhum jardim e o comércio estaria nas mãos dos alemães. O retrato que Lorenzoni faz dos migrantes que lá se encontravam, num casarão que os hospedava, é melancólico. Eram vênets e lombardos, e, segundo ele, tristes e pensativos, “meditando aqueles bons chefes de família sobre o incerto futuro” (ibid., p. 37) que os aguardaria. E, ali, no contato com os iguais e os diferentes, aqueles migrantes tomavam contato com sua nova identidade, que estava já se esboçando: eram homens que haviam partido e que estavam rumando em busca de um lugar onde pudessem enraizar-se e ascender socialmente. O retrato do colonizador também já se avizinha e as dificuldades da condição a que estavam se adentrado também se fortalecia:

...e achavam admirável que o Governo quisesse colonizá-los, mas não consideravam como aqueles pobres colonos teriam que penetrar em florestas virgens, onde, desde séculos, tribus (*sic*) de índios eram senhores absolutos, ali vivendo sem nenhum estorvo e onde tigres, macacos e dezenas de outras espécies de animais selvagens tinham o seu “habitat” (ibid., p. 38).

Ou seja, aquele quadro esplendoroso que era esboçado na Itália sobre a América estava sendo desfeito. Já estavam entrando em contato com outras situações: a fome, o calor, o desamparo. A forma como os escravos eram tratados também chamou a atenção de Lorenzoni, relatando que alguns levavam pancadas de seus senhores.

Os Lorenzoni e mais cento e vinte famílias, após alguns dias, rumaram para a Colônia de Silveira Martins. A natureza encontrada na viagem de Porto Alegre até à colônia é narrada com entusiasmo, “panoramas belíssimos”, “vegetação exuberante” “árvores frondosas e seculares”. A visão dos pomares era também, para eles, “um espetáculo dos mais atraentes” (ibid., p. 39). Nas margens do Jacuí aguardaram dois dias até começar a ida de carretas à colônia de destino. Lorenzoni narra que neste ínterim, receberam a visita do padre Marcelino Bittencourt, “um jovem atarracado, de cor morena escura, de cerca de trinta anos” (ibid., p. 42),⁸ que batizou aqueles nascidos durante a travessia. Seriam mais de trinta crianças. Estas já nasceram na condição de migrantes e teriam suas

⁸ A indumentária do padre também é narrada por Lorenzoni: esse estaria vestido como um paxá, calças largas de casimira preta, que ele denominou de bombachas, botas de couro da Rússia, esporas de prata, pinguelim também com cabo de prata, poncho-pala de seda, chapéu de palha, que ele denominou de puro-Chile (ibid., p. 42). Seria também um “valente cavaleiro”.

existências marcadas por esta experiência. Há que se observar a importância do padre para essas populações. Concordo com Fochesatto quando este afirma que, entre os italianos, a figura do padre e do religioso era símbolo da presença de Deus e da civilização (1977, p. 30) e também da fé, do progresso e da cultura (ibid., p. 31). Observa-se naquela condição de ruptura a força da religião como instituição organizadora de suas vidas e das poucas opções que podiam fazer.

Era 15 de abril, e aqueles imigrantes se encaminhavam para a Colônia de Silveira Martins. Em carroças, denominadas por Lorenzoni, de "carros", dispõem-se os futuros colonizadores, em especial os velhos, as mulheres e as crianças. Lembranças de Lorenzoni: os ruídos que as carretas faziam ao se movimentar, "rangidos infernais", "miados verdadeiros" (Lorenzoni, 1975, p. 44). Quanto tempo teria aquele jovem migrante guardado em suas memórias estes sons? Por que descrevê-los à posteridade?

Neste caminho rumo à condição social de colono, novamente os cânticos que as jovens camponesas, em longas fileiras e de braços dados umas com as outras, entoavam:

Como de outras vezes, os filhos do País, os carreteiros, ficaram estupefatos e procuravam aproximar-se o mais possível, a fim de gozar melhor a beleza daqueles cantos, daquelas harmoniosas vozes, que para eles eram inéditos e maravilhosos (ibid., p. 45).

A viagem prosseguia e a paisagem chamava a atenção, em especial os campos abertos. Já começavam a estabelecer as diferenças entre os modos da cultura de origem e o da terra estrangeira. A alta ingestão de carne foi apontada por Lorenzoni como uma característica dos nativos, ressaltando ele que sentia falta das hortaliças. A nostalgia se dava também pelo alimento que, naquelas condições não seria saboreado, como o macarrão, por exemplo (ibid., p. 46). Outro hábito que chama a atenção dos imigrantes, além dos pratos com carnes, farinha e feijão, é o chimarrão. O contraste entre os hábitos europeus, como o chá e o café, é comparado ao hábito de beber o chimarrão, que, ao invés de ser consumido em xícaras, era bebido em cuias e compartilhado em rodas. No dia 23 de abril, começam a chegar a "seu destino". Para variar o paladar, neste dia, o pai de Lorenzoni comprara uma abóbora para ser comida com queijo. Por que a recordação dos sabores dos alimentos? Que importância tem para quem migra? Muita, compreendo eu. Apreciar sabores, comidas, significa trazer à tona sentimentos e afetos que estão associados a elas. Além disso, a comida traz consigo toda um processo de sobrevivência cultural: o preparo e

suas regras, o consumo e seus sabores, que acalentam tantos outros valores e símbolos. Nesses hábitos, além do que retorna simbolicamente, há a sobrevivência de atos e formas de ordenação do universo social.

A ida até o barracão destinado aos imigrantes é narrada em forma de tristeza:

Uns caminhavam de cabeça baixa, taciturnos e tristes, outros gritavam, blasfemavam, e maldiziam a hora de ter vindo ao Brasil, e maldiziam, também, Cristóvão Colombo e o diabo, e algumas mulheres havia até que, silenciosamente, seguiam chorando (ibid., p. 48).

Ser imigrante em terra estrangeira

Começava o inverno gaúcho, com dias curtos e chuvas frequentes, o que contribuía para deixar aquelas pessoas mais desoladas ainda. Segundo Lorenzoni, estavam isolados entre quatro morros, mal alojados, sem estradas, sem médicos, sem remédios, o que lhes dificultava a estadia e deixava alguns deprimidos (ibid., p. 50). Começaram então a abertura de estradas, tarefa para a qual somavam-se homens, mulheres e crianças. Os homens recebiam a quantia de mil e quinhentos réis por dia, as mulheres e jovens entre dezesseis e dezessete anos recebiam mil réis e os meninos recebiam setecentos e cinqüenta. Diz Lorenzoni que, se ganhavam pouco, o trabalho também era pouco. Nessa atividade, no meio das matas, os imigrantes começam a conhecer a natureza nativa: papagaios, macacos, beija-flores etc.

Nessas condições, os imigrantes foram, aos poucos, conhecendo-se uns aos outros também, pois, reunidos no mesmo barracão, precisavam se comunicar. Muitos nem falavam os mesmos dialetos e, de acordo com Lorenzoni, algumas pessoas seriam atenciosas e boas e outras impertinentes e mal-educadas. Diz ele: "Era mais fácil imaginá-la que descrevê-la" (ibid., p. 52). Em maio, outro barracão fora construído próximo dali e chegou cerca de mil migrantes a mais. Nessa leva, muitos estavam doentes e vieram a falecer. A morte começa a esboçar seu significado em terra estrangeira:

Era deveras doloroso ver essas pobres famílias perder desse modo os seus caros, sem ter nenhum recurso médico, com falta absoluta de remédios, de um caldo, de uma xícara de leite, e até da madeira para construir um caixão onde colocar os cadáveres (ibid., p. 53).

A solução que encontraram para enterrar os mortos era utilizar as barricas nas quais vinham alimentos e enterrá-las num cemitério improvisado nas encostas do morro vizinho. Pela narrativa de Lorenzoni, teriam morrido cerca de quatrocentas pessoas.⁹ Já nas descrições do imigrante italiano elaboradas pelo autor, começa a se esboçar o perfil ideal do colonizar, ou seja, daquele ser que resigna, que enfrenta as dificuldades e que encontra na fé e na família as forças para sua busca de ascensão social:

Diante de tanta miséria, tanto sofrimento, tantas dores, assim mesmo o colono italiano não desanimava. Impávido, superava todos os obstáculos e todas as desgraças, que ameaçavam até sua própria existência (ibid., p. 53).

Aos poucos, contudo, a narrativa de Lorenzoni deixa entrever que o imigrante ia procurando criar novas formas de pertencimento e troca com o mundo nativo. Mais famílias chegavam, mais um barracão era construído e a grande alegria daqueles homens e mulheres e crianças que esperavam por suas terras foi a realização da primeira missa. A Igreja teria sido improvisada com lençóis, colchas, galhos de árvores com grandes folhas verdes e flores silvestres (ibid., p. 55). O padre teria recomendado àqueles famílias bondade, *resignação* e amor a Deus para que pudessem superar os grande sacrifícios a que seriam sujeitos.

Os meses prosseguiram. Era setembro, e estavam começando a construção da sede da colônia. O pai de Lorenzoni, por ser do ofício, foi um dos primeiros a subir o morro a fim de construir a casa da sede da nova Diretoria. Passados alguns dias, a curiosidade de Lorenzoni levou-o a tentar conhecer a nova sede:

Enquanto eu pude avistar o barracão, as cabanas e ouvir as vozes dos habitantes do acampamento, tudo marchou muito bem, mas quando me encontrei a uma distância de mais de dois quilômetros, numa cerrada floresta, caminhando por um estreito atalho no meio daquelas árvores seculares, onde tudo era silêncio, somente interrompido pelo canto de algum passarinho ou o fugir de algum animal selvagem, confesso que, embora armado, meu coração seguidamente disparava e a vontade de voltar era imensa (ibid., p. 56).

Prosegue o jovem, tendo o medo como companheiro de viagem e, ao mesmo tempo, ansioso para conhecer e desbravar a terra estrangeira. Depois de uma hora teria encontrado um negro, o que

⁹ Essas mortes, ainda hoje, possuem um peso simbólico muito forte nos memorialistas locais sobre o processo colonizador. Sobre o número correto de mortos, contudo, pairam dúvidas. Mas, a perda, com certeza, marcou as gerações destas famílias.

também lhe causou muito receio. Contudo, como ele mesmo ressalta, fora um “puro susto”, pois o “bom crioulo” mostrou que estava com as mãos livres e mostrou-lhe o caminho por onde deveria ir. Dessa forma, entre encontros e relações sociais que se estabeleciam, os imigrantes foram conhecendo a sociedade, as gentes e a natureza locais. O estranhamento começa a ser desfeito.

Os lotes foram posteriormente divididos entre urbanos e rurais. Os imigrantes iam recebendo terras e, segundo o autor, a vida começava a tornar-se mais amena. E, novamente os cantos fazem parte deste processo de uma busca de enraizamento: à noite, grupo de mulheres e mocinhas cantavam alegremente canções populares, fazendo ecoar pelos “vales vizinhos suas vozes afinadas” e sendo merecedoras de elogios (ibid., p. 59). O processo de enraizamento vai se processando de forma gradativa. O contato com a terra estrangeira e seus valores também. A expectativa de serem proprietários de suas terras e dela poderem extrair sustento e riqueza era o que os impulsionava. Da mesma forma, a migração familiar favoreceu o processo de adaptação psicológica e cultural em terra estrangeira. Não estavam sós.

Considerações finais

Meu objetivo ao analisar as narrativas de Lorenzoni era o de poder detectar, através dos sentidos de um jovem migrante, o que teria representado, em termos existenciais, a migração. Como ele teria elaborado, em termos afetivos, simbólicos e econômicos, a ruptura. Ruptura essa que não é somente física, mas identitária. A partir do momento em que essas famílias decidem migrar, já está se processando uma nova condição social. Deste momento até a travessia transoceânica e a chegada em terra estrangeira, serão migrantes. O imigrante passa a ser aquele que chega numa terra desconhecida, que se aventura num processo de colonização nem sempre compatível com as promessas que lá estavam quando aquela família tomou a decisão pela viagem transoceânica. Que marcas existenciais o acompanharão após migrar? Como poderá processar e traduzir os sentimentos advindos dessa opção? Penso que Lorenzoni, privilegiado pelo domínio da escrita, pode fazer isto, ou seja, decifrar o emaranhado de conflitos que habitam a mente, as emoções e as trajetórias daqueles que efetuam esta ruptura incerta.

Em que tom estas memórias são passadas às gerações sucessivas? Talvez no tom humano daqueles que passaram por tal experiência. Muita resignação, muito trabalho, muitas dificuldades e também muitas esperanças advindas de promessas de agentes e da própria busca por uma condição de vida melhor. Sentimentos esses que acompanham as sagas imigrantistas. E, quando se estuda a forma destes relatos memorialistas sobre a formação das memórias dos atuais descendentes, observa-se a sua força como relatos fidedignos. Eles possuem força, uma força advinda, a princípio, por terem sido escritos por aqueles que experimentaram, em carne e osso, os sabores e dissabores desse tipo de empreitada. Compreender os processos migratórios sob o ponto de vista subjetivo de um migrante pode parecer perigoso em termos históricos, contudo, observo detalhes antropológicos de extrema riqueza nas passagens cotidianas descritas por Lorenzoni. O tom das paisagens, o estado interior de quem estava submetido a tal condição seriam impossíveis de serem detectados se não fossem desta forma: contados pelas palavras de alguém, que, situado numa determinada posição de classe, de gênero, familiar e letrado, deixasse registrado suas impressões. Enfim, os cheiros, as sensações, as visões que este encontro de mundos provocou. Impressões essas, mescladas com medos, receios, altas expectativas e com o contato com a crua realidade da migração: interesses alheios e nem sempre respeitosos, humilhações, padecimentos e muitas, muitas resignações, que, com certeza, para aqueles migrantes, possíveis de serem suportadas devido a sua fé, a sua estrutura familiar e também ao desejo que tinham de se tornarem proprietários, *signori*, em terras americanas. Tornaram-se *signori* organizando suas famílias numa estrutura produtiva que, aliada à poupança, permitiu que alguns ascendessem socialmente. Muitos, com certeza, que não deixaram seus registros talvez tenham passado de forma mais dolorosa por este processo e não tenham obtido melhora em suas condições de vida na América.

Referências bibliográficas

- ALVIM, Zuleika M. F. *Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 43-58.
- CECCHI, Camilo. Determinantes e características da emigração italiana. *Sociologia*, v. XXI, n. 1, março de 1959, p. 68-97.
- COSTA, Rovílio. Apresentação. In: SCALABRINI, João Batista. *A emigração italiana na América*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Centro de Estudos de Pastoral Migratória; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.
- FOCHESATTO, Ilani. *Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1977.
- GROSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer*. Camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.
- LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- MARCON, Itálico. À Guisa de prefácio. In: LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975, p. 9-10.
- POZZOBON, Zolá Franco. *Uma Odisséia na América*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La Biografia como género historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org). *O biográfico. Perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 9-48.
- SAYAD, Abdel. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.